

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Simplemente nada simples: leituras possíveis de simplemente no português brasileiro

Adriano Lopes Rodrigues, Renato Basso

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12729>

Submetido em: 2025-07-21

Postado em: 2025-07-28 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**‘SIMPLESMENTE’ NADA SIMPLES: LEITURAS POSSÍVEIS DE
‘SIMPLESMENTE’ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**‘OSSIBLE READINGS OF ‘SIMPLESMENTE (*SIMPLY*)’ IN BRAZILIAN
PORTUGUESE**

Tipo de contribuição

Ensaio Teórico

Adriano Lopes Rodrigues¹

Renato Miguel Basso²

RESUMO

Este trabalho investiga, pela primeira vez sob a ótica da semântica formal, o uso do item ‘simplesmente’ no português brasileiro. A análise revela que o termo pode funcionar como um exclusivo canônico — intercambiável por itens como ‘só’ e ‘apenas’ —, mas também assume leituras de exclusivo fraco, conforme a tipologia proposta por Warstadt (2020) para o item inglês *‘just’*, com o qual ‘simplesmente’ guarda semelhanças. Entre essas leituras fracas, destacam-se as interpretações não-explanatória (algo inexplicável), não-contrastiva (uso como intensificador) e não-elaborativa (ideia indiscutível). Tais usos estão relacionados à noção de Questões em Potencial (do inglês *Potential Questions*): ao empregar ‘simplesmente’, o falante sinaliza que não possui respostas para perguntas que podem advir no discurso, utilizando o termo como estratégia discursiva para gerenciar o fluxo discursivo. Ademais, a posição sintática de ‘simplesmente’ influencia diretamente suas possíveis interpretações, havendo uma correlação entre escopo e leitura, que reforça a importância do contexto sintático na análise semântica do exclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Simplesmente. Exclusivos. Semântica-Formal. Pragmática-Formal.

ABSTRACT

This study investigates, for the first time from the perspective of formal semantics, the use of the item *simplesmente* in Brazilian Portuguese. The analysis shows that the term can function as a canonical exclusive—interchangeable with items like *só* and *apenas*—but it also takes on weak exclusive readings, as outlined by Warstadt (2020) in his analysis of the English item

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos/SP. e-mail: alrodrigues@estudante.ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7757-3419>. CRediT: Conceitualização, Ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados, redação e revisão do artigo.

² Professor Doutor associado ao Departamento de Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos/SP. e-mail: rmbasso@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>. CRediT: Conceitualização, Ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados, redação e revisão do artigo.

just, to which *simplesmente* bears similarity. Among these weak readings are the non-explanatory (inexplicable aspect), non-contrastive (intensifying use), and non-elaborative (undisputable claim) interpretations. These uses are connected to the concept of Potential Questions: by employing *simplesmente*, the speaker signals that they are unable to answer certain likely implicit questions, using the item strategically to manage discourse and restrict assertability. Furthermore, the syntactic position of *simplesmente* directly influences its possible interpretations, with a clear correlation between scope and reading, highlighting the importance of syntactic context in the semantic analysis of exclusives.

KEYWORDS: *Simplesmente*. Exclusives. Formal-Semantics. Formal-Pragmatics.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Neste artigo, estuda-se as possíveis leituras que o item ‘*simplesmente*’ pode apresentar no português brasileiro. Uma delas é a leitura de ‘*simplesmente*’ como sinônimo de ‘*só*’ ou ‘*apenas*’ (também chamada de leitura de exclusivo canônico). Outras leituras possíveis, que não se enquadram na leitura “canônica”, são ditas como leituras de exclusivo fraco e são: não-explanatória (teor inexplicável), não-contrastiva (teor intensificador) e não-elaborativa (teor indiscutível), como propostas por Warstadt (2020). Todas essas leituras estão atreladas ao conceito de Questões em Potencial: as leituras de exclusivos fracos indicam ao ouvinte que o falante, na medida em que os emprega, não tem como responder às prováveis perguntas que possam surgir no decorrer da conversa. Essa seria uma forma estratégica de gerenciar a interação - excluir perguntas que não são possíveis (ou de interesse) de serem respondidas pelo falante. Propomos que ‘*simplesmente*’ se enquadre nos pressupostos teóricos apresentados e que sua posição na sentença tenha impacto no tipo de leitura que se almeja.

Introdução

O domínio dos exclusivos - que aqui estamos tomando como itens cuja função linguística é excluir e/ou delimitar escopos - é composto por itens linguísticos complexos e com estruturas sintáticas-morfológicas variadas. Ele comporta diversos membros com comportamentos diferentes entre si, mesmo guardando alguma semelhança. É o que concluem Beaver e Clark (2008), Coppock e Beaver (2013), entre diversos outros pesquisadores que se debruçaram sobre o tema. O título de Coppock e Beaver (2013), “Principles of the exclusive muddle” (“princípios da bagunça dos exclusivos”, em tradução livre), exemplifica particularmente bem essa situação.

Entre os exclusivos do português brasileiro (PB) podemos mencionar ‘*só*’, ‘*apenas*’, ‘*somente*’, ‘*exceto*’, e construções como ‘*nada/ninguém além de*’, ‘*com exceção*’, numa longa lista ainda longe de ser exaustiva - de fato, além de questões sobre a sintaxe, a semântica e a

pragmática dos exclusivos, o estabelecimento de uma lista ou mesmo de critérios claros para identificar exclusivos é um dos principais temas de pesquisa nesse domínio.³

Na relativamente recente proposta de Coppock e Beaver (2013), todos os exclusivos seriam responsáveis por contribuir com dois significados, identificados pelos autores como informação máxima e mínima (dentre outros termos usados na literatura relevante). Assim, uma sentença como (1), seria analisada, simplificada, como (1a) e (1b):

(1) Maria só gosta de gatos.

(1a) inf. máxima: No máximo a Maria gosta de gatos.

(1b) inf. mínima: No mínimo a Maria gosta de gatos.

Questões relevantes aqui envolvem investigar se esses significados são pressuposições, se são implicaturas, qual é a posição sintática dos exclusivos na estrutura da sentença, entre várias outras. Ainda segundo os autores, as principais diferenças entre os exclusivos dão-se com relação ao seu escopo e suas implicações pragmáticas, e, como mencionamos, todos teriam essa mesma contribuição semântica de base.

Porém, itens tradicionalmente considerados exclusivos parecem fazer muito mais do que o que foi brevemente exposto acima. Por exemplo, Warstadt (2020) apresenta uma análise detalhada do item *just* do inglês, que, segundo o autor, é o item exclusivo mais frequente dessa língua, e mostra que ele carrega interpretações que não podem ser reduzidas ao que se espera comumente como a interpretação de um exclusivo. Mais especificamente, ele propõe uma distinção entre interpretações canônicas e não-canônicas de *just*, que seriam leituras não-explanatórias, não-elaborativas e não-contrastivas.

Neste artigo, teremos como foco um exclusivo ainda não investigado no PB e que, conforme argumentaremos, apresenta uma gama de possibilidades similar a que Warstadt (2020) encontra para *just*, que é o item ‘simplesmente’. Em nossa investigação, não apenas analisaremos um item ainda não explorado nas análises linguísticas do PB, mas também contribuiremos para os estudos sobre exclusivos de modo mais amplo. Sendo assim, o presente texto está organizado da seguinte forma: Primeiramente, apresentamos uma breve visão sobre exclusivos para então expormos, depois, a análise de Warstadt (2020), que, como veremos, é baseada no gerenciamento de perguntas potenciais. Feito isso, lidamos com ‘simplesmente’ e suas interpretações para então oferecermos uma análise formal para tal item

³ Em estudos com base no português europeu, Henry (2007) alega não haver uma revisão sistemática do português para que se saiba exatamente quais são e quantos são os “exclusivos” existentes.

do PB que captura suas interpretações. A Conclusão retoma o caminho percorrido, os principais resultados e algumas das questões em aberto.

1. Exclusivos: Interpretações E Análise

Sob a perspectiva da semântica e pragmática formais, os trabalhos de Beaver e Clark (2008) e Coppock e Beaver (2013), na esteira de uma longa tradição sobre o tema, têm impacto significativo na definição e interpretação formal dos exclusivos. Segundo os autores, a partir de seus estudos sobre a língua inglesa, a função primária dos exclusivos seria a de “mediar o fluxo discursivo” e não se referir às coisas no mundo; ou seja, a função discursiva estaria no coração de todas as definições de exclusivos (BEAVER & CLARK, 2008, p. 247). Aqui, a *função discursiva* é entendida como as condições para controlar o fluxo de informação e para realizar sua manutenção numa dada interação linguística. Um modo de capturar teoricamente quais são as informações relevantes numa dada interação, como se dá o fluxo conversacional e a manutenção das informações no discurso, é investigar qual é a *Current Question* (CQ) que guia tal interação, como nos moldes da teoria conhecida como *Question Under Discussion* (QUD), e modelos dela derivados (ROBERTS, 1998).

Uma definição simples para CQ, a partir da proposta de Roberts (1998), é a de que, ao se analisar uma interação entre falantes, percebe-se que o discurso avança com o surgimento de perguntas (relevantes e atuais) e suas respectivas respostas. As perguntas tendem a se tornar cada vez mais “específicas” à medida que a conversa se desenvolve, delimitando assim também as possibilidades de resposta. Esse fluxo é representado justamente por meio da CQ, ou seja, a CQ é a pergunta que exigirá do falante as informações que são relevantes para a interação em que participa no momento em consideração.

Em estudos mais recentes, Coppock e Beaver (2013) detalham com mais precisão a relação que os exclusivos têm com a CQ, tendo em especial o uso da partícula *only* como modelo prototípico de exclusivo da língua inglesa, devido a sua alta ocorrência⁴. Segundo os autores, as sentenças contendo itens de exclusão possuem dois componentes: um deles é o pressuposto (ou prejacente), que é, muito simplificada, a informação da sentença sem o exclusivo (também chamada de “informação mínima”); e o outro é o “fator-relevante” (“*at-issue*”, em inglês) e a qual também chamaremos de “informação máxima”. Esse último pode ser parafraseando com “(não)... nada senão” (tradução livre do inglês *nothing other*

⁴ O item *only* é o exclusivo mais estudado da língua inglesa. Isso pode ser vislumbrado pela extensa bibliografia acerca do tema; cf. Horn, 1969; 1996; Bonomi e Casalegno, 1993; Roberts, 2011, entre outros.

than). Vejamos o exemplo (2) fornecido por Coppock e Beaver (2013, p.372), para o qual uma possível CQ seria “*What is this for?*” (“para que é isso?”):

- (2) This is *only* for fun. (Isso é *só* para diversão)
CQ (possível): What is this for? (Para que é isso?)
Pressuposto (inf. min.): This is for fun (Isso é para diversão)
At-issue (inf. max.): This is for *nothing other than* fun. (Isso *não é nada senão* para diversão.)

Na informação pressuposta, entende-se que a contribuição da sentença original tem a ver com diversão, e o conteúdo “at-issue” veicula que não há nada além de diversão a ser relacionada com o tópico da interação (o referente de ‘isso’)⁵.

Apesar de existir um componente “at-issue”, não são todos os exclusivos que poderiam ser parafraseados por “(não)... nada senão”, como é o caso da sentença (3), adaptada de Coppock e Beaver (2013, p. 373), cuja paráfrase adequada seria algo como “não mais que”:

- (3) This is a *mere* down payment. *vs.* This is *only* a down payment.
(Isso é uma *mera* parcela *vs.* Isso é *só* uma parcela)
CQ: O que é isso?
At-issue: ?This is *nothing other than* a down payment. (?Isso *não é nada senão* uma parcela.)
At issue: This is *no more than* a down payment. (Isso *não é mais que* uma parcela.)

Frente à essa diferença entre as sentenças dos exemplos em inglês (2) e (3), os autores classificam esses casos de duas formas distintas: as orações cuja paráfrase pode ser formulada com o uso de *nothing other than* se enquadram numa leitura do tipo *complement exclusion* (“*exclusão de complemento*”), pois essa leitura tem como foco a exclusão de um elemento de um conjunto de elementos similares (indivíduos, propriedades, etc.); isso implica dizer que a interpretação se centraliza na definição do elemento em si, como é o caso do exemplo (2). Por sua vez, as sentenças cuja paráfrase pode ser formulada com o uso de *no more than* se

⁵ É interessante mencionar que, ao se comparar estruturalmente as sentenças em português e inglês, nota-se uma diferença sintática dos termos da paráfrase: enquanto em inglês a expressão “*nothing other than*” foi posta de forma linear, a expressão em português teve de se adaptar à estrutura da sentença para que pudesse ser aceitável, ou seja, há restrições morfosintáticas diferentes entre as línguas aqui que merecem ser exploradas em trabalhos futuros.

enquadram numa leitura do tipo *rank-order* (“*ranqueada*”), pois essa leitura coloca o elemento em questão em uma perspectiva escalar, ou seja, não se discute sua definição como elemento, mas sua posição dentre um ranqueamento de elementos similares (KRIFKA, 1993; BONOMI E CASALEGNO, 1993).

Sob uma perspectiva formal, Coppock e Beaver (2013) mostram que o significado do item *only* pode ser compreendido a partir da fórmula em (4):

$$(4) \quad \llbracket \text{only} \rrbracket^S = \lambda p . \lambda w : \text{MIN}_S(p)(w) . \text{MAX}_S(p)(w)$$

Dada uma situação conversacional S , temos que a interpretação do exclusivo é uma função que tem como argumento uma proposição (λp) e um mundo possível (λw); sendo assim, *only* pressupõe que há uma informação mínima (o prejacente, representado por “ $\text{MIN}_S(p)(w)$ ”) e assera uma informação máxima (“ $\text{MAX}_S(p)(w)$ ”), que é o conteúdo “at-issue”. Por sua vez, para os conteúdos mínimo e máximo, a formalização é expressa por (5) e (6), respectivamente:

$$(5) \quad \text{MIN}_S(p) = \lambda w . \exists p' \in \text{CQ}_S [p'(w) \wedge p' \geq_S p]$$

$$(6) \quad \text{MAX}_S(p) = \lambda w . \forall p' \in \text{CQ}_S [p'(w) \rightarrow p \geq_S p']$$

Em (5), há uma proposição (p) contida num contexto de conteúdo informacional S parametrizada pelo mundo possível (w). Dessa forma, há uma proposição possível (p') dentre o conjunto de respostas à *current question* (CQ) que é, no mínimo, tão satisfatória quanto p na situação S ($p' \geq_S p$). Isso implica dizer que, dentre as respostas possíveis à CQ no contexto de exclusivos, existe uma resposta que é tão satisfatória quanto o prejacente.

Em (6), há uma proposição (p) contida num contexto de conteúdo informacional S parametrizada pelo mundo possível (w). Dessa forma, para todas as proposições (p') do conjunto de respostas a CQ, não há um p' que seja verdadeira no mundo w e mais forte que p na situação S ($p'(w) \rightarrow p \geq_S p'$). Isso implica dizer que, dentre as respostas possíveis à CQ, não há respostas que sejam mais satisfatórias ou informativas que o prejacente, pois elas podem ser no máximo igual ao conteúdo do prejacente.

Tomando um exemplo do PB como ilustração, considere a sentença abaixo, com o exclusivo ‘só’, adotando a formulação em (4):

- (7) Eu só falo português.
 CQ = Quais línguas você fala?
prejacente (*p*) = Eu falo Português^w.
 MIN_s(*p*) = Eu pelo menos falo Português em *w*.
 MAX_s(*p*) = Eu no máximo falo Português em *w*.
 → $[[s\acute{o}]]^s = \lambda p . \lambda w : \text{MIN}_s(p)(w) . \text{MAX}_s(p)(w)$

Trata-se de um exclusivo de complemento, cujas informações mínima e máxima, considerando a CQ “quais línguas você fala?”, são, respectivamente, “no mínimo eu falo Português” e “no máximo eu falo Português”.

Uma vez que temos essa análise básica para os exclusivos, passaremos agora às considerações de Warstadt (2020) sobre outro exclusivo comum do inglês, o item *just*, que fornecerá os elementos necessários para analisar o ‘simplesmente’ do PB.

2. As Várias Interpretações Dos Exclusivos

A partícula *just* é o exclusivo mais utilizado na língua inglesa segundo o *Corpus of Contemporary American English* (2009), apresentando um caráter multifuncional, e sendo utilizado em diversos contextos. Além disso, *just* pode expressar significados diferentes num primeiro olhar. Isso implica dizer que a partícula em questão pode ter uma leitura como exclusivo de modo similar ao que acabamos de ver (limitando/selecionando um elemento dentro de um grupo), mas também outras leituras que não se assemelham a operações de exclusão como as que vimos na seção anterior. Sendo assim, vejamos como a partícula *just* tem funções discursivas distintas nas sentenças em (8) e (9) a partir dos exemplos abaixo, adaptados de Warstadt (2020):

- (8) Contexto: Aristóteles está explicando seu ponto de vista sobre a geração espontânea:
 - Flies *just* appear in rotting fruit.
 Tradução livre: Moscas apenas aparecem em frutas podres⁶.

⁶ Em nossas traduções, optamos por usar ora ‘apenas’ ora ‘simplesmente’ para indicar (i) que *just* não tem equivalente único em PB, e (ii) as diferentes interpretações relevantes aqui.

- (9) Contexto: O falante está explicando o porquê acha que sua casa está assombrada:
- The lights *just* turn off and on.

Tradução livre: As luzes simplesmente apagam e acendem.

Segundo Warstadt (2020), na sentença (8), o papel da partícula *just* é limitar as possibilidades de contextos em que as moscas podem “aparecer”; sendo assim, a sentença em questão veicula que as moscas só aparecem naquelas condições (*rotting fruits*) e não em outras. Essa constatação leva o autor a classificar esse uso de *just* como um caso de *strong exclusion* (“exclusão forte”), ou seja, o exclusivo permite uma leitura única, o que exclui todas as outras; essa leitura é a que chamaremos de “leitura canônica” ou “leitura não-conjuntiva” do exclusivo, e é essa interpretação o alvo do trabalho de Coppock e Beaver (2013) que vimos acima.

Por sua vez, a sentença (9) ilustra um uso de *just* que não veicula a ideia de uma exclusão de elementos ou possibilidades, mas sim funciona como um operador discursivo para marcar o desconhecimento do falante quanto à causa do ligar e desligar das luzes. Por contraste, a leitura proposta pelo autor é que seja um caso de *weak exclusion* (“exclusão fraca”).

Outro ponto que sustenta a ideia de que haja uma exclusão forte e uma exclusão fraca, é a sequência discursiva em que são inseridas: enquanto sentenças com elementos de exclusão forte não permitem afirmações de hipóteses que invalidam sua exclusão, sentenças com elementos de exclusão fraca permitem tal construção:

(10a) Aristotle: Flies *just* appear in rotting fruits. # They may be hatching from eggs.

Moscas apenas aparecem em frutas podres. # Elas podem estar eclodindo de ovos.

(10b) The lights *just* turn off and on. A ghost may be flipping the switch.

As luzes simplesmente apagam e acendem. Um fantasma deve estar apertando o interruptor.

Considerando que o comportamento de *just* como um exclusivo forte é justamente o que prevê e captura a literatura sobre exclusivos, Warstadt (2020) investiga mais a fundo as ocorrências e possibilidades de *just* como um exclusivo fraco, e identifica três interpretações distintas: não-explanatória, não-contrastiva, não-elaborativa. Junto a elas, é importante considerar também a interpretação canônica (de exclusivo forte) que é chamada de

interpretação não-conjuntiva, totalizando quatro interpretações para *just*, que explicitamos na sequência⁷.

2.1 Não-conjuntivo (Exclusivo Canônico)

Aqui, temos a função de exclusivo por excelência, como um exclusivo forte, e, por conta disso, nesses casos, a substituição de *just* por *only* é algo possível:

- (11) Betsy *just/only* eats soup, so Betsy doesn't eat hot dogs.
Betsy só toma sopa, logo Betsy não come cachorro-quente.

Nota-se que tanto o exclusivo prototípico *only* quanto *just* permitem a mesma leitura de exclusivo forte para a sentença (11), segundo a qual Betsy não come nada além de sopa.

2.2 Não-explanatório

Nesta leitura, a partícula *just* expressa a ideia de que não há explicação para o prejacente, ou seja, não há uma explicação conhecida pelo falante para o conteúdo veiculado, o que inibe questões futuras sobre esse tópico.

- (12a) The lights in this place *just/ #only* turn off and on.

As luzes neste lugar simplesmente/ #só apagam e acendem.

(Interpretação: não há razão conhecida para o fenômeno)

- (12b) Last week, a piano *just/ #only* fell from the sky onto Fifth Avenue.

Semana passada, um piano simplesmente/ #só caiu do céu na Quinta Avenida.

(Interpretação: não há razão conhecida para o fato)

Nota-se que, tanto na sentença (12a) quanto (12b), o falante utiliza o elemento *just* para relatar o ocorrido de forma a veicular para o ouvinte que não tem conhecimento das razões que explicam os fatos descritos. Como salienta Warstadt (2020), é interessante notar que ao considerar as sentenças com *only* - e com 'só' nas versões em PB -, elas adquirem outro sentido: na primeira, entende-se que a única ação das luzes seriam acender e apagar; enquanto

⁷ No restante desta seção, apresentaremos exemplos adaptados de Warstadt (2020) e contrapartes em PB.

na segunda, o piano cairia do céu somente na Fifth Avenue. Essas leituras não são aquelas relevantes quando *just* está presente nas sentenças em questão.

2.3 Não-contrastivo

Outra leitura distinta para *just* ocorre quando ele é usado como um intensificador; exclusivos como *only*, não permitem essa leitura:

(13a) The pumpkin bisque is just /#only delicious.

O caldo de abóbora está simplesmente /#só delicioso.

(Interpretação: Isso é extremamente delicioso)

(13b) The engine just won't work.

O motor simplesmente/#apenas não vai funcionar.

(Interpretação: Não há solução)

Novamente, percebe-se que a substituição pela partícula *only* não veicula as mesmas informações. No caso da sentença (13a), *just* basicamente atua como intensificador de “*extreme adjectives*”⁸, como é o caso de *delicious* (‘delicioso’). Essa propriedade não é encontrada quando *just* é precedido de um adjetivo gradual ordinário, como seria o caso de *tasty* (‘gostoso’). Nesse sentido, ao invés de intensificar positivamente a propriedade escalar trazida pelo adjetivo, ele teria um teor negativo, de “nada além de” ou “nada mais que”.

(13a’) The pumpkin bisque is just tasty.

O caldo de abóbora é simplesmente gostoso (ou seja, ele não é nada além de gostoso).

Em outras palavras, se a intenção fosse dizer “The *pumpkin bisque is extremely tasty*” (‘O caldo de abóbora está extremamente delicioso’), como é o caso de (13a), a sentença (13a’) não atingiria esse objetivo⁹.

2.4 Não-elaborativo

⁸ Nesse sentido, simplificadaamente, *extreme adjectives* (adjetivos extremos, em tradução livre) seriam uma classe dentro dos adjetivos escalares que se referem a pontos finais ou extremos da escala relevante. Assim, ‘gostoso’ seria um adjetivo escalar comum, mas ‘delicioso’ seria um adjetivo extremo justamente porque tem a ver com o final ou o limite (positivo) da escala associada a ‘gostoso’, por exemplo.

⁹ O contraste com ‘só’ é também interessante aqui, pois ‘só delicioso’ tem uma interpretação irônica e ‘só gostoso’ tem uma interpretação próxima ao que temos em (13a’).

Essa leitura veicula a ideia de que, o falante, ao usar *just*, indica que não há mais nada para ser elaborado (discutido) frente ao que foi dito; é um recurso linguístico para terminar ou encaminhar para o fim de um tópico conversacional, fechando possibilidades de desenvolvimentos da conversão na direção do que foi dito. Vejamos os exemplos (14):

(14a) A: What kind of dog is Fido?

Que tipo de cachorro é o Fido?

B: Fido is just a dog. (Paráfrase: Fido é um cachorro comum/ordinário)

(14b) A proton is just a hydrogen atom without an electron.

(Um próton é simplesmente um átomo de hidrogênio sem um elétron)

A ideia aqui é que o falante não tem mais nada para desenvolver além do conteúdo sem *just*, ou seja, não há mais elaborações a serem feitas ou fornecidas. Essa ideia é explicitada em (15), que indica a estranheza de uma continuação elaborativa:

(15) Fido is just a dog. # In fact, he's a dalmatian.

Fido é simplesmente um cachorro. #Na verdade, ele é um dalmata.

Como é possível entreter pelas traduções oferecidas, 'simplesmente' em PB parece apresentar as mesmas interpretações de exclusivos não-canônicos que aquelas encontradas para *just*. Na seção abaixo, exploraremos as interpretações de 'simplesmente' que investigaremos, além de averiguar se esse item possui ainda a interpretação de exclusivo canônico.

3. Português Brasileiro: Exclusivos Fortes E Fracos

Apesar de haver estudos sobre exclusivos no PB, a grande maioria deles tem a ver com sua sintaxe (TESCARI, 2015; 2017), e ainda não há consenso sobre quais seriam os exclusivos do PB (HENRY, 2007) nem sobre suas interpretações.

Se tomarmos, por exemplo, o item 'só', apesar de ser considerado um exclusivo canônico, ele também apresenta interpretações que não se conformam ao que se espera de um exclusivo *per se*, como no caso abaixo, analisado em (16a)¹⁰:

¹⁰ Outros exemplos seriam:

(i) Eles são só bonitos, e nada mais.

(16a) Ele é só um garoto, não uma ameaça.

(Paráfrase: Esta pessoa não traz riscos a ninguém, pois se trata de um garoto inofensivo)

(16a') Contexto: Duas pessoas conversam sobre o comportamento de uma criança.

Ele é só um garoto, não uma ameaça.

CQ = O que ele é ?

prejacente (p) = Ele é um garoto.

$MIN_s(p)$ = Ele pelo menos é um garoto. $MAX_s(p)$ = Ele no máximo é um garoto.

At-issue: ?Ele não é nada senão um garoto, não uma ameaça. (exclusão de complemento)

At issue: ?Ele não é mais que um garoto, [e] não [é] uma ameaça. (ranqueada)

Ao se analisar os componentes *at-issue* à partir da óptica de Coppock e Beaver (2014), percebe-se que as leituras não se conformam exatamente com a proposta da sentença inicial (16a). Em uma proposta de leitura de exclusão de complemento, constata-se que a interpretação relevante não vai ao encontro com a sentença inicial “ele é só um garoto, e não uma ameaça”. O componente *at-issue* da exclusão de complemento conduz à uma interpretação de definição do objeto (ser ou não ser um garoto), o que não é o intuito da sentença original. Já na proposta de leitura ranqueada, a interpretação se aproxima um pouco mais da leitura esperada inicialmente; nela, coloca-se o objeto em uma escala de valoração em que, no caso em questão, ‘menino’ se distanciaria significativamente de ‘ameaça’, de forma a induzir um contraste da imagem do ‘menino’ e da ‘ameaça’.

É de se esperar que algo semelhante ocorra com os demais itens ou estruturas de exclusão no PB apresentados em (16), ou seja, ao lado das interpretações esperadas, eles podem apresentar leituras diferentes daqueles que, por exemplo, Coppock e Beaver (2014) propõem.

Nesta seção nosso foco será o item ‘simplesmente’ que, conforme argumentaremos, é um exclusivo que apresenta leituras bastante próximas do que Warstadt (2020) encontra para *just*. Sendo assim, na sequência, apresentamos as leituras de ‘simplesmente’ para então, na

(Paráfrase: Eles não possuem outras características relevantes para além de beleza.)

(ii) Ela não é só uma atriz, ela atua em Hollywood.

(Paráfrase: Não se trata de uma atriz qualquer, trata-se de uma atriz de Hollywood)

(iii) Ela só parou de me ligar, e nunca mais a vi.

(Paráfrase: Não se sabe o motivo que a fez parar de telefonar. Ela parou de ligar e desapareceu sem causa aparente)

seção 4, propormos uma análise para esse item nos mesmos moldes daquela que Warstadt (2020) propõe para *just*.

3.1 As interpretações de ‘simplesmente’

Ao traçar um paralelo entre as interpretações propostas por Warstadt (2020) para *just* do inglês e as interpretações de ‘simplesmente’ no PB, é possível perceber que há certa sobreposição entre elas, como buscamos mostrar com os exemplos na Tabela 1.

Não-conjuntivo (exclusivo canônico)	Não-explanatório (inexplicável)	Não-contrastivo (intensificador)	Não-elaborativo (indiscutível)
<ul style="list-style-type: none"> - A receita é fácil, requer simplesmente três ingredientes. - Bronny James se concentrou em simplesmente ‘chegar à liga’. 	<ul style="list-style-type: none"> - A TV simplesmente ligou. - O animal simplesmente deu um pulo na água. - Eles simplesmente interromperam a audiência. - Simplesmente acontece. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ele não é simplesmente um ator, ele é um ator de Hollywood. - Essa torta está simplesmente deliciosa. - Você é simplesmente maravilhoso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Isso é simplesmente mais uma desculpa para não ir. - Simplesmente Meryl Streep: com apenas 2 looks, a atriz se consagra na passarela. - Ele é simplesmente um aluno na sala. - Eles simplesmente vão ganhar o jogo.

Tabela 1. Sentenças do PB que exemplificam a das leituras propostas por Warstadt (2020) para *just* no inglês e sua equivalência em PB com ‘simplesmente’. Fonte: autoria própria.

Na sequência, comentamos cada uma das interpretações exemplificadas para então propormos uma análise teórica na seção 4.

3.2 Não-conjuntivo (Exclusivo canônico)

Em um primeiro momento, temos que ‘simplesmente’ pode promover leituras de exclusivo canônico; e, como mencionado na seção 2.1, ele é intercambiável por outro exclusivo canônico, como, por exemplo, ‘só’ ou ‘apenas’:

(17a) A receita é fácil, requer *simplesmente* três ingredientes.

(17b) A receita é fácil, requer *só/apenas* três ingredientes.

Justamente por tratar de exclusivos canônicos, a teoria de Coppock e Beaver (2013) dá conta de explicar essa interpretação de ‘simplesmente’. As paráfrases propostas pelos autores permitem que concluamos que as sentenças (17a) e (17b) têm um significado similar¹¹, como observado em (18):

(18a) A receita é fácil, requer *simplesmente* três ingredientes.

(Paráfrase: A receita é fácil, *não* requer *nada além de* três ingredientes.)

(18b) A receita é fácil, requer *só* três ingredientes.

(Paráfrase: A receita é fácil, *não* requer *nada além de* três ingredientes.)

Ainda seguindo Coppock e Beaver (2013), é possível correlacionar o item ‘simplesmente’ em leituras *rank-order* (ranqueadas), assim como o exclusivo ‘só’ consegue fazer. Vejamos:

(19a) Isso é só uma parcela.

(19b) Isso é simplesmente uma parcela.

(Paráfrase: Isso *não é mais que* uma parcela.)

Essas leituras podem ser parafrazeadas com a expressão *no more than* (‘não mais que’). Tanto em (19a) quanto em (19b) há um significado semelhante: colocar o elemento em questão em uma perspectiva escalar, ou seja, não se discute sua definição como elemento, mas sua posição dentre um ranqueamento de elementos do conjunto (KRIFKA, 1993; BONOMI & CASALEGNO, 1993).

¹¹ Apesar de suas paráfrases serem as mesmas, as sentenças originais possuem uma leve diferença no teor. Enquanto a sentença com ‘simplesmente’ pode induzir a uma leitura mais positiva (i.e., a receita é boa porque leva poucos ingredientes), temos que ‘só’ pode proporcionar uma leitura mais negativa (i.e., a receita é pouco elaborada porque leva poucos ingredientes). Essas sutilezas serão exploradas mais detalhadamente em trabalhos futuros.

Em resumo, da gama de leituras possíveis para ‘simplesmente’, a de exclusivo canônico é uma delas. Vemos que, por justamente ser um exclusivo, há contextos em que ele pode atuar como exclusão de complemento ou ranqueado, como em (17a) e (19b), respectivamente. Por outro lado, ainda há as leituras que são enquadradas nas propostas de Warstadt (2020), como há em (16), e que diferem substancialmente das propostas de Coppock e Beaver (2013), como veremos em mais detalhes nas seções posteriores.

3.3 Não-explanatório (inexplicável)

Assim como o *just* no inglês, ‘simplesmente’ em PB pode ser utilizado para expressar a ideia de que “não se sabe o motivo pelo qual algo aconteceu”. Vejamos:

(20a) A TV *simplesmente* ligou.

(Paráfrase: A TV ligou de forma inesperada)

(20b) Eles *simplesmente* interromperam a audiência.

(Paráfrase: Eles interromperam a audiência sem motivo aparente)

(20c) *Simplesmente* acontece.

(Paráfrase: Não há razões que expliquem o acontecimento)

(20d) O animal *simplesmente* deu um pulo na água.

(Paráfrase: O animal deu um pulo na água sem motivação específica)

É interessante ressaltar que, em todos os exemplos mencionados, o escopo do exclusivo é sempre aquilo que o prossegue, ou, melhor dizendo, há a possibilidade de algum prosseguimento. Como veremos adiante, trata-se de uma estratégia de “gerenciamento de discurso” que impede que o ouvinte faça perguntas sobre o que o falante disse, ou seja, exclui da conversação elaborações que têm a ver com a explicação do que foi dito.

Essa mesma interpretação aparece quando ‘simplesmente’ ocorre em outras posições sintáticas. Tomemos como exemplo (20d’), que é uma variação de (20d):

(20d’) O animal deu *simplesmente* um pulo na água.

(Paráfrase: É desconhecida a razão pela qual o animal deu um pulo na água ao invés de um mergulho, por exemplo)

É evidente que a sintaxe das orações tem influência significativa nas interpretações, e porventura até mesmo nas classificações dessas leituras. Deixaremos para abordar esses aspectos com mais detalhes na seção 5, onde falaremos da sintaxe dos exclusivos.

3.4 Não-contrastivo (intensificador)

O uso não-contrastivo, como em (21), evidencia claramente a diferença entre exclusivos fortes e fracos; é interessante ainda notar que as sentenças com e sem o uso do exclusivo fraco têm interpretação bastante diferentes, como na comparação entre (21b) e (21c):

(21a) Você é maravilhoso!

(21b) Você é *simplesmente* maravilhoso!

(21c) #Você é *só* maravilhoso.

É perceptível a diferença de tom entre (21a) e (21b): na segunda, ‘simplesmente’ atua como intensificador do adjetivo ‘maravilhoso’. Vale mencionar que há uma “predileção” do exclusivo fraco em modificar adjetivos extremos, como mencionado na seção 2.3 para o inglês, e que se realiza de forma similar no PB. No caso do exemplo (21c), a sentença com o exclusivo forte ‘só’ não veicula a mesma interpretação que (21a), muito pelo contrário, a leitura de (21c) caminha para uma interpretação mais negativa, em que o objeto não é nada além de “maravilhoso”.

3.5 Não-elaborativo (indiscutível)

A última leitura proposta por Warstadt (2020) é a não-elaborativa (que aqui chamaremos de “indiscutível”)¹². Com essa interpretação, após mencionado um conteúdo, o falante indica, pela presença de ‘simplesmente’, que não há necessidade de elaboração posterior. Observemos os casos em (22):

¹² Tal ideia já havia sido captada por alguns dicionários da língua portuguesa para o item ‘simplesmente’, como segue a segunda entrada do verbete no dicionário online Dicio (2024): “Que explicita uma ideia, um conceito, uma teoria e após sua explicação não há nada mais a dizer: aquele poema ficou simplesmente lindo.”. É interessante notar, contudo, que o exemplo dado pelo Dicio é mais bem classificado como uma interpretação não-contrastiva, de intensificação.

(22a) Ele é *simplesmente* um aluno na sala.

(22b) Isso é *simplesmente* mais uma desculpa para não ir.

(22c) *Simplesmente* Meryl Streep: com apenas 2 looks, a atriz se consagra na passarela.

Em todas as ocorrências em (22), o escopo de ‘simplesmente’ é algum sintagma nominal, e o papel de ‘simplesmente’ é sugerir ao interlocutor que não há necessidade de discorrer sobre o que foi mencionado - sua mera menção já é suficiente. Percebe-se que possíveis complementações tornam as sentenças pouco pragmaticamente anômalas:

(23a) Ele é *simplesmente* um aluno na sala. #Um aluno de uniforme verde.

(23b) Isso é *simplesmente* mais uma desculpa para não ir. #É uma desculpa esfarrapada.

(23c) *Simplesmente* Meryl Streep. #A famosa atriz de “O Diabo Veste Prada”: com apenas 2 looks, a atriz se consagra na passarela.

Como mencionamos, os exemplos supracitados contam como escopo sintagmas nominais. Todavia, tal interpretação também ocorre quando o escopo é sobre um sintagma verbal, como se segue:

(24a) Eles *simplesmente* vão ganhar o jogo.

(24b) Eu *simplesmente* aceito que tudo aconteceu.

Numa primeira leitura, os exemplos em (24) permitem a interpretação de que os acontecimentos são fatos indiscutíveis e/ou triviais (24a) e que não há motivos para se argumentar com relação ao tópico (24b).¹³

Agora que discorreremos sobre as possibilidades de interpretação de ‘simplesmente’ que são o foco deste artigo, vamos apresentar a análise formal na seção 4. Feito isso, a seção 5 trará alguns breves apontamentos sobre a sintaxe de ‘simplesmente’ com relação às interpretações resultantes.

4. Proposta De Análise Formal

¹³ Notamos que a leitura de ‘simplesmente’ quando o escopo são sintagmas verbais pode ser variada, em especial quando há negações de leituras não-elaborativas (“Eu *simplesmente* não me conformo”) e as interrogativas desse mesmo âmbito (“Você *simplesmente* comeu o bolo?”). Este é um tema a ser abordado em trabalhos futuros.

A ideia básica por trás de expressões exclusivas é veicular alguma exclusão com relação a um conteúdo *at-issue*, seja por meio de uma exclusão de complemento, seja por meio de um ranqueamento de possibilidades (COPPOCK & BEAVER, 2013). Uma hipótese para lidar com as interpretações de exclusivos não-canônicos é que elas também envolvem algum tipo de exclusão, porém, não de um conteúdo prejacente (pressuposto), mas sim de desenvolvimentos futuros da conversação. Dito de outro modo, as interpretações não-canônicas de exclusivos envolvem o gerenciamento da conversação, de modo a excluir possibilidades de elaboração futura que seriam feitas por meio de perguntas potenciais, ou seja, essas interpretações não-canônicas barram perguntas potenciais, e assim indicam ao ouvinte quais são as direções possíveis que o falante aceita tomar para aquela dada conversação.

Para entender essas ideias em mais detalhe e desenvolver uma análise formal, exploraremos na sequência os conceitos relevantes envolvidos na breve descrição feita no parágrafo acima.

4.1 Exclusivos fracos e Questões em Potencial

Um dos principais conceitos relevantes no estudo dos exclusivos fracos ou não-canônicos é o de “perguntas potenciais” (*Potential Questions, PQ*, em inglês), conforme proposto por Onea (2016), no interior de uma teoria de *Questions Under Discussion (QUD)*.

Assumimos, no âmbito da QUD, que o fluxo conversacional é guiado e gerenciado pelas perguntas atuais (*current questions, CQs*), que constituem o tema sobre o qual, num dado momento, uma conversação se dá, e são as CQs que guiarão as contribuições conversacionais e sua coerência. Contudo, é importante notar que cada resposta dada para uma CQ também abre possibilidades para que novas questões potenciais sejam feitas, as PQs. Para exemplificar, tomemos o diálogo adaptado de Warstadt (2020):

(25) A: O que aconteceu com os biscoitos que eu estava guardando?

B: Eles não estão mais no armário.

A’: Quem os comeu? / A’’: # Quem os escondeu?

Nesse contexto, o falante B responde ao falante A que seus biscoitos haviam sumido (i.e., que não estão mais no armário onde deveriam estar). Diante dessa resposta, a pergunta subsequente mais esperada depois da resposta de B é “quem os comeu?” ao invés de “quem

os escondeu?” - embora as duas continuações sejam PQs, a pergunta A” é mais improvável que a pergunta A’, uma vez que o tópico conversacional é comida, e não um objeto, por exemplo.

Mais formalmente, podemos considerar as definições abaixo, adaptadas da proposta de Warstadt (2020), para os conceitos relevantes:

(26) *Questão potencial*: Q é uma questão potencial no contexto C se e somente se:

- (a) Q é suficientemente provável de ter uma resposta possível considerando cs_C (i.e., o conjunto de proposições verdadeiras em C);
- (b) Q não está resolvida por cs_C ; e
- (c) Q não é um elemento de QUD_C .

Tal situação é escrita como $PQ_C(Q)$

Ou seja, uma questão potencial no contexto C pode ter uma resposta possível em C se a resposta não foi dada ou não é trivial. Além disso, essa pergunta não está contida na QUD inicial.

Perguntas em potencial, como vimos em (25), devem ser licenciadas no contexto depois que uma dada proposição p fizer parte de cs_C , como busca capturar a definição a seguir:

(27) *Licenciamento de perguntas potenciais*: Uma proposição p licencia Q como uma questão potencial em C se e somente se $PQ_{C[p]}(Q)$, mas não $PQ_C(Q)$, em que $C[p]$ é o resultado de atualizar C com p.

Tal situação é descrita como: $LIC_C(p,Q)$.

Em prosa, uma PQ é licenciada num contexto C a partir de p, mas não em C sem o conteúdo de p. Isso implica dizer que, dada uma proposição p, existe um número de PQs que pode surgir a partir do conteúdo informacional de p. Esse conteúdo é responsável por atualizar o contexto conversacional C, e licenciar perguntas potenciais.

Até aqui, vimos o que são questões potenciais e como elas podem ser licenciadas; por fim, resta estabelecer as condições sob as quais questões em potencial podem efetivamente ser realizadas, dado que uma proposição p em Q pode licenciar uma série de questões potenciais. Para resolver este problema, precisamos de uma definição para o alçamento de questões em potencial:

(28) *Alçamento de questão potencial*: Uma questão potencial Q é alçada por uma proposição p num contexto C se e somente se Q é a questão mais altamente ranqueada de modo que $LIC(p, Q)$ segundo a ordem total $<A$, determinado pela saliência com relação ao agente A . Essa situação é escrita como $RAISE_C(p, Q, A)$.

Tal definição nos leva à seguinte conclusão: de todas as PQs licenciadas por p , há uma única questão ‘ Q ’ que é a mais provável de ser realizada, pois está mais “alta” no ranqueamento das questões licenciadas. Essa posição no ranque é determinada pela sua saliência em relação ao agente A , ou seja, aquele que realizará a pergunta.

De posse de tais conceitos, a proposta é que ‘simplesmente’ seja um exclusivo que “gerencia” questões potenciais, excluindo da conversação certos desenvolvimentos futuros. Ou seja, exclusivos fracos permitem que, dentro do contexto C , algumas PQs não venham a ser realizadas, mesmo que estejam alçadas.

A última das noções relevantes é a de assertabilidade; o papel dessa noção é identificar quais conteúdos proposicionais podem ser proferidos durante o curso de uma dada conversação, e ela se aproxima bastante de outras noções pragmáticas ligadas à felicidade ou adequabilidade de um dado conteúdo numa dada interação. Vejamos abaixo a definição formal de assertabilidade, também adaptada de Warstadt (2020):

(29) *Assertabilidade*: A proposição p é proferível (“assertável”) por um agente A em w se e somente se:

- (a) A acredita em w que p é verdadeira;
- (b) A considera que p é relevante para os outros participantes da conversação em w ; e
- (c) A está disposto a se comprometer publicamente a acreditar em p em w .

Essa configuração se escreve como $ASSERTABLE(p, A_C, w)$.

Sendo assim, a proposta para a análise de ‘simplesmente’, paralela a que Warstadt (2020) propõe para *just*, é:

- (30) a. $[[\text{simplesmente}]]^C = \lambda p \lambda w : p(w). \forall p \in PQ\text{-ALT}_C(p) [\neg \text{ASSERTABLE}(p, A_C, w)]$
 b. $PQ\text{-ALT}_C(p) := H(\iota Q [\text{RAISE}_C(p, Q, Ad_C)])^{14}$

¹⁴ Dado um contexto C e uma proposição p , há uma única questão ιQ que é mais altamente alçada em relação às outras. O alçamento de ιQ é dependente de p no contexto C e é feito em relação ao destinatário (ouvinte) Ad_C , já

Essa definição nos permite dizer que, ao fazer uso de um exclusivo fraco na proposição p inicial, o falante não sabe se as respostas das questões potenciais alçadas são verdadeiras ou falsas; ou considera as respostas irrelevantes para a conversa; ou não é capaz de respondê-las de maneira assertiva.

Complementando as descrições formais apresentadas, a Figura 1 mostra em forma de fluxograma a dinâmica de formação e resposta de questões em potencial.

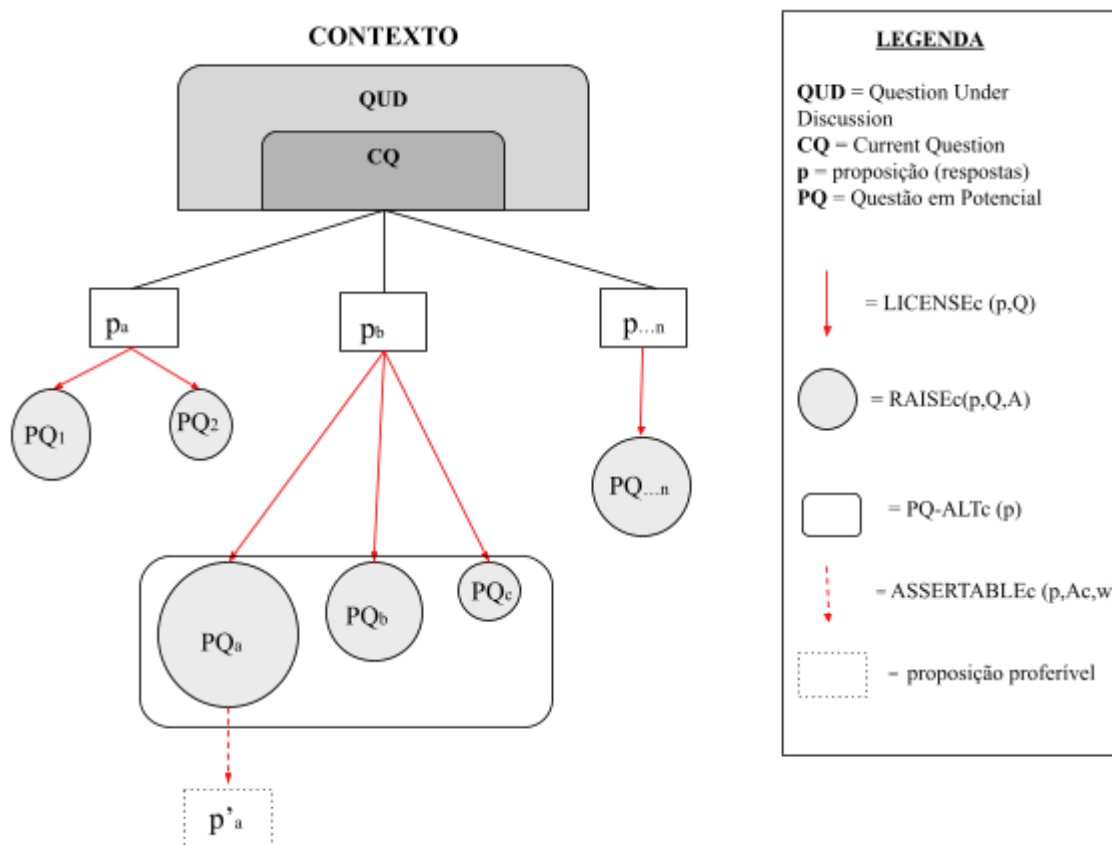


Figura 1. Formação e elaboração de perguntas em potencial. Fonte: Autoria própria.

Por sua vez, a Figura 2 traz uma ilustração de como exclusivos fracos atuam no gerenciamento do discurso. Fica evidente que, em comparação com a Figura 1, na Figura 2, o uso de ‘simplesmente’ não permite que o discurso se desdobre em respostas possíveis para as perguntas em potencial, restringindo a assertabilidade dessas questões em potencial.

que tQ pode variar entre ouvintes para uma mesma p . Essa relação é escrita como $PQ-ALT_c(p) := \#(tQ [RAISE_c(p,Q,Ad_c)])$.

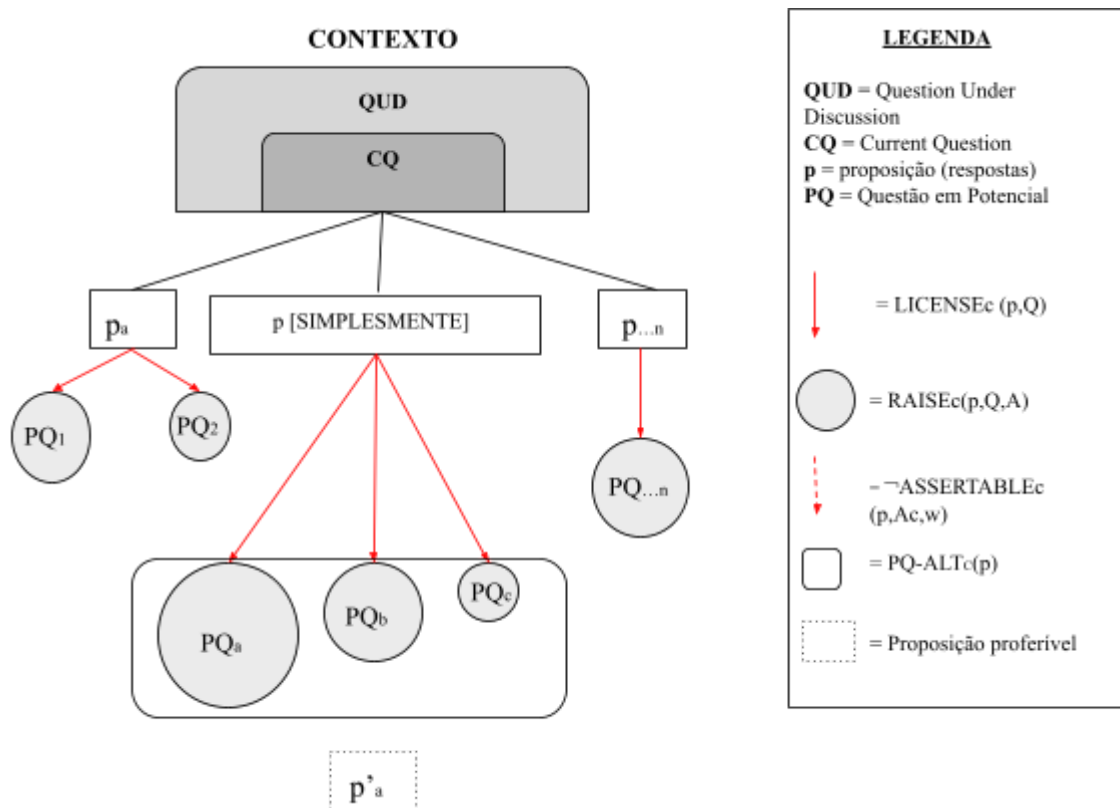


Figura 2 . Gerenciamento do discurso ao seu usar o exclusivo fraco ‘simplesmente’

Com o intuito de verificar como a expressão (30) pode ser empregada na explicação do mecanismo lógico de ‘simplesmente’, vejamos os casos abaixo¹⁵:

(31) A TV simplesmente ligou.

(31a) $PQ-ALT_c(A \text{ TV ligou } [ATL]) := H([[Como?]]) = \{ATL \text{ porque eu apertei o botão do controle remoto, ...}\}$ - resposta *explicativa*

(32) Você é simplesmente maravilhoso.

(32a) $PQ-ALT_c(\text{Você é maravilhoso } [VEM]) := H([[...mas?]]) = \{VEM \text{ mas existem alguns pontos que precisamos conversar sobre, ...}\}$ - resposta *contrastiva*

(33) Eles simplesmente vão ganhar o jogo.

(3a) $PQ-ALT_c(\text{Eles vão ganhar o jogo } [EVGO]) := H([[Será?]]) = \{EVGO \text{ porque é muito difícil mudar esse placar, ...}\}$ - resposta *elaborativa*

¹⁵ As abreviações “ATL”, “VEM”, “EVGO” e “ARRTI” correspondem, respectivamente, aos conteúdos de (31)-(34) sem ‘simplesmente’.

(34) A receita requer simplesmente três ingredientes.

(34d) $PQ-ALT_c(A \text{ receita requer três ingredientes [ARRTI]}) := H([[E \text{ o que mais?}]] = \{ARRTI \text{ e uma pitada de sal...} \} - \text{resposta conjuntiva (aditiva)}$

Segundo a colocação de Warstadt (2020), as leituras de *just* (chamadas pelo autor de “flavours”) são referentes a uma correlação entre o tipo de resposta dada à PQ relativa ao prejacente, ou seja, a sentença sem o uso do exclusivo. Dessa forma, vemos nos exemplos de (31) a (34) que a classificação das respostas esperadas para as perguntas são condizentes com o tipo de leitura de exclusivo fraco, como ‘simplesmente’¹⁶. Essa associação acontece porque os exclusivos fracos eliminam possibilidades de respostas específicas frente ao tipo de pergunta potencial.

Antes de passarmos às conclusões, faremos alguns apontamentos sobre a posição sintática de ‘simplesmente’ e as leituras a ela associada.

5. Notas Sobre Sintaxe

Como observado anteriormente, a sintaxe parece ter um papel relevante na relação entre o escopo do exclusivo e a interpretação resultante. Dedicamos essa seção para tecer algumas considerações quanto à sintaxe das leituras previamente elencadas.

Nas subseções abaixo, identificaremos uma das interpretações relevantes já discutidas, e então apresentaremos as diferentes possibilidades de posição sintática de ‘simplesmente’, buscando responder (i) se as interpretações se mantêm, ou se a posição sintática determina as interpretações mais proeminentes; (ii) se há posições sintáticas que dão proeminência a uma dada interpretação; (iii) quais generalizações podemos fazer entre a sintaxe de ‘simplesmente’ e suas interpretações.

5.1 Sintaxe do ‘simplesmente’ não-conjuntivo

Nosso primeiro caso será o da sentença (17a), repetida como (35a):

¹⁶ Cabe uma breve elaboração sobre a interpretação canônica. Juntamente com Warstadt (2020), assumiremos que sentenças declarativas carregam uma pressuposição de questão de adição, ou seja, caso nada (contextualmente relevante) impeça, sentenças declarativas, simplificadaamente, podem receber alguma questão sobre algum tipo de adição ao seu conteúdo. No caso de (34), considerando “a receita requer três ingredientes”, pode ser o caso que alguém pergunte se não vai mais nada, se é só isso mesmo, se não água, sal, etc. Nesse sentido, o papel de ‘simplesmente’ em (34) é eliminar a possibilidade de questões potenciais salientes que aumentem a quantidade de ingredientes.

(35a) A receita é fácil, requer *simplesmente* três ingredientes.

(35b) A receita é fácil, *simplesmente* requer três ingredientes.

(35c) *A receita é fácil, requer três *simplesmente* ingredientes.

(35d) #A receita é fácil, requer três ingredientes *simplesmente*.

É interessante notar que tanto (35a) quanto (35b) mantém a mesma interpretação, mas (35d), com ‘simplesmente’ ao final da sentença, tem uma interpretação mais próxima da não-elaborativa.

Os exemplos abaixo envolvem a modificação de sintagmas não nominais, e se baseiam no exemplo contido na Tabela 1, repetido como (36a):

(36a) Bronny James se concentrou em *simplesmente* ‘chegar à liga’.

(36b) *Simplesmente* BJ se concentrou em “chegar à liga”.

(36c) BJ *simplesmente* se concentrou em “chegar à liga”.

(36d) BJ se concentrou *simplesmente* em “chegar à liga”.

(36e) #BJ se concentrou em “chegar à liga” *simplesmente*.

Em (36a) e (36d), elas mantêm a mesma interpretação, consequentemente vistas como sentenças sinônimas; e o escopo em questão é o SP ‘em chegar à liga’. Entretanto, quando o escopo do exclusivo é o SV “se concentrou”, a interpretação passa a ser outra, o que torna (36c) diferente: enquanto (36a) e (36d) dizem que BJ se concentrou apenas em um coisa específica, (36c) restringe as ações de BJ a apenas se concentrar. Por último, temos as sentenças (36b) e (36e), que não aparentam ser sinônimas de nenhuma das outras do grupo, pois seu escopo passa a ser não mais um sintagma, mas a sentença como um todo, resultando numa não-elaborativa. Ainda em relação à (36e), ela pode ser ambígua se considerarmos ‘simplesmente’ como um advérbio de modo, cuja paráfrase seria “de modo simples” (o que não é usual para o PB).

5.2 Sintaxe do ‘simplesmente’ não-explanatório

O segundo caso é a leitura não-explanatória, onde começaremos por (20c) repetido como (37a):

(37a) *Simplesmente* acontece.

(37b) #Acontece *simplesmente*.

Em (37), temos a atuação do exclusivo sob um SV de verbo intransitivo. A posição sintática interfere nas interpretações possíveis de forma a tornar as sentenças (37a) e (37b) substancialmente diferentes. Enquanto a primeira é um caso de leitura não-explanatória (não se sabe os motivos que levam algo a acontecer), a segunda nos induz a pensar que algo acontece de modo simplório. É perceptível o mesmo caso em (20a), reescrito como (38):

(38a) *Simplesmente* A TV ligou.

(38b) A TV *simplesmente* ligou.

(38c) #A TV ligou *simplesmente*.

As sentenças (38a) e (38b) são sinônimas enquanto (38c) tem uma leitura diferente das demais. Observemos agora (20b) repetida em (39):

(39a) *Simplesmente* eles interromperam a audiência.

(39b) Eles *simplesmente* interromperam a audiência.

(39c) Eles interromperam *simplesmente* a audiência.

(39d) #Eles interromperam a audiência *simplesmente*.

Diferente de (37) e (38), (39) apresenta um verbo transitivo direto. Notamos que, quando o escopo do exclusivo permanece sendo SV, como em (39a) e (39b), a interpretação que se tem é a de que não se sabe o motivo pelo qual tiveram essa atitude. Já em (39c), onde o escopo é o SN ‘audiência’, a leitura continua sendo não-explanatória, porém a interpretação é um pouco distinta: a inexplicação recai sob ‘audiência’, ou seja, não se sabe o motivo da audiência ter sido interrompida, e não outro tipo de sessão.

5.3 Sintaxe do ‘simplesmente’ não-contrastivo (intensificador)

Para este caso, tomaremos um exemplo da Tabela 1:

(40a) *Simplesmente* esta torta está deliciosa.

(40b) Esta torta *simplesmente* está deliciosa.

(40c) Esta torta está *simplesmente* deliciosa.

(40d) #Esta torta está deliciosa *simplesmente*.

Dos exemplos em (40), somente a sentença (40c) tem a leitura não-contrastiva. Como já descrito por Warstadt (2020), a interpretação do exclusivo como intensificador ocorre quando seu escopo são adjetivos “extremos”, ou seja, os últimos adjetivos das extremidades de uma escala. Já as sentenças (40a) e (40b), o escopo do ‘simplesmente’ recai em SV e, conseqüentemente, têm uma outra leitura, no caso, não-elaborativa.

5.4 Sintaxe do ‘simplesmente’ não-elaborativo

Por último, analisemos em mais detalhes a sintaxe das sentenças ditas não-elaborativas. Como vimos, muitas das leituras apresentadas anteriormente, ao se mudar a posição sintática do exclusivo fraco, recaiam em leituras deste tipo. Tomemos a sentença (22a) repetida aqui em (41):

(41a) *Simplesmente* ele é um aluno na sala.

(41b) Ele *simplesmente* é um aluno na sala.

(41c) Ele é *simplesmente* um aluno na sala.

(41d) Ele é um aluno *simplesmente* na sala.

(41e) #Ele é um aluno na sala *simplesmente*.

Todas as sentenças em (41) podem ser classificadas, em algum grau, como leituras não-elaborativas e são sinônimas. Essa leitura aparenta ser a mais flexível em termos de posição do exclusivo em comparação com as demais propostas neste trabalho. Além disso, como vimos nas seções anteriores, ao modificar a estrutura inicial das outras leituras, elas tendem a se transformar em leituras de cunho não-elaborativo. Com relação ao escopo de ‘simplesmente’ nas sentenças em questão, observamos que, para que haja uma leitura não-elaborativa, ele tem de ser a sentença como um todo.

5.5 Generalizações sobre a sintaxe de ‘simplesmente’

A partir das análises dos casos apresentados até aqui, podemos fazer algumas generalizações quanto à sintaxe do exclusivo fraco ‘simplesmente’. A Figura 3 mostra como é seu comportamento em relação ao escopo sobre o qual ele atua.

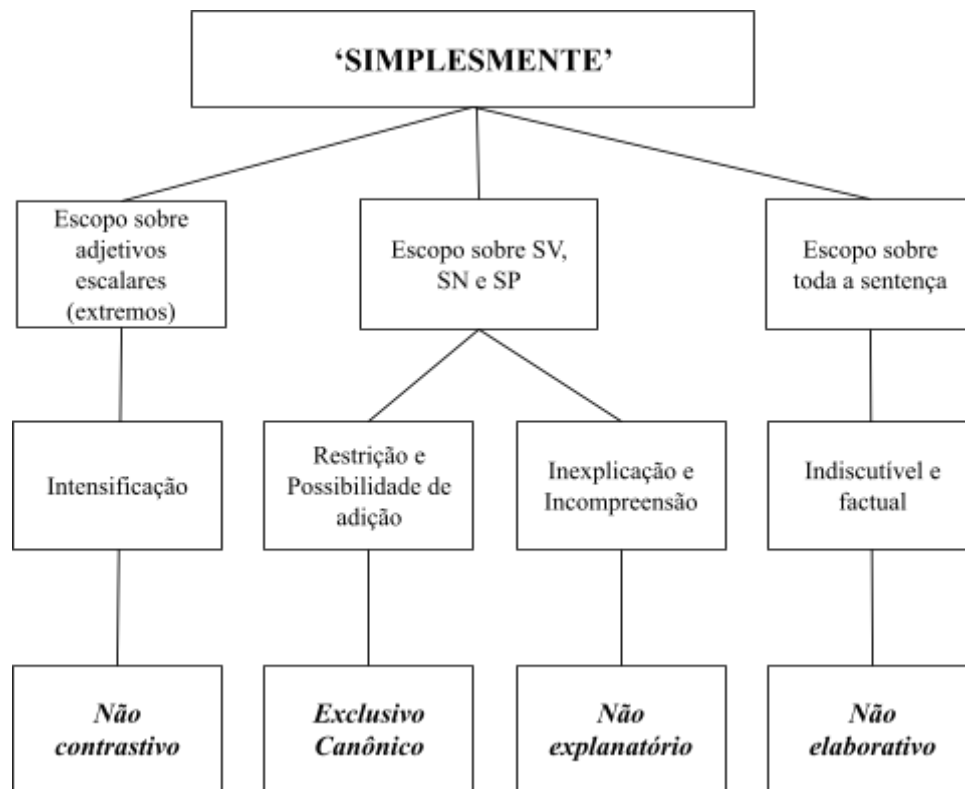


Figura 3 . Leituras do exclusivo fraco ‘simplesmente’ em relação a seu escopo. Fonte: (RODRIGUES, 2024)

O esquema da Figura 3 apresenta de forma resumida o resultado das mudanças sintáticas realizadas nas análises propostas por esse trabalho. As variações de leituras possíveis mostraram-se intrinsecamente dependentes dos escopos que o exclusivo fraco tem; esse fato explicaria as mudanças de interpretação ao passo que ‘simplesmente’ tenha posições sintáticas distintas. Como vemos, a leitura não-elaborativa tem um escopo maior se comparado às demais, o que a torna a mais saliente como resultado ao se alterar a ordem sintática inicial, em especial de quando se modifica sentenças originalmente com leitura não-explanatória. A leitura não-contrastiva se mostra como a mais específica, uma vez que ela surge apenas sob o escopo de ‘simplesmente’ num adjetivo escalar “extremo”. Já quando o escopo se trata de sintagmas, tem-se inicialmente duas possíveis leituras: a de exclusivo canônico ou não-explanatória. O que distingue as duas leituras é a carga semântica que exercem sob seus escopos. Para situações de exclusivo canônico, há uma ideia de restrição e delimitação do objeto; enquanto para situações de leitura não-explanatória, a carga semântica é a de inexplicação e incompreensão do falante sobre o escopo pré-definido.

6. Conclusão

Estudando o comportamento do ‘simplesmente’, podemos tecer considerações quanto ao seu uso, assim como fornecer um panorama para os estudos dos exclusivos do PB, em especial aqueles classificados como “fracos” pela proposta de Warstadt (2010).

Seguindo essa perspectiva teórica, a noção de “exclusivo” não se restringe às propriedades de separar, delimitar e isolar um elemento mencionado frente a um grupo de itens; nem tão pouco se limita a impor restrições quanto à adição de informação ao prejacente. Como vimos, os exclusivos podem atuar não só na informação já dita (prejacente), mas também na informação ainda não dita; nesse caso, atua diretamente nas questões em potencial que são licenciadas a partir de uma proposição. Essa seria a função dos ditos “exclusivos fracos”.

Neste trabalho, nosso objeto de estudo foi o ‘simplesmente’, item que argumentamos ser próximo de *just*, do inglês, no qual a teoria de Warstadt (2020) se baseia; teoria na qual o autor propõe quatro leituras possíveis para o exclusivo: não-conjuntiva (exclusivo canônico), não-explanatória, não-contrastiva e não-elaborativa. Verificou-se que as leituras de Warstadt são condizentes no PB para o ‘simplesmente’, e além disso, notou-se que há uma codependência entre a leitura possível e a posição sintática do exclusivo na oração, o que implica em dizer que há uma relação entre interpretação e escopo.

Sendo assim, este trabalho contribui para os estudos semânticos sobre exclusivos em PB, um tema ainda pouco estudado.

Conflito de Interesses

Os autores não têm conflitos de interesses a declarar.

Contribuição de autoria

1- Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos/SP. e-mail: alrodrigues@estudante.ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7757-3419>. CRediT: Conceitualização, Ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados, redação e revisão do artigo.

2- Professor Doutor associado ao Departamento de Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Carlos/SP. e-mail: rmbasso@ufscar.br. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>. CRediT: Conceitualização, Ideias e formulação do trabalho na interpretação dos dados, redação e revisão do artigo.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Os autores avaliaram os roteiros fornecidos pelo Equator Network e nenhum dos roteiros é relevante para a pesquisa em questão. A pesquisa conduzida não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Fonte de Financiamento

Esta pesquisa, vinculada à dissertação de mestrado, é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

BEAVER, D. I.; CLARK, B. Z. **Sense and Sensitivity**. [s.l.] John Wiley & Sons, 2009.

BONOMI, A.; CASALEGNO, P. Only: association with focus in event semantics. **Natural Language Semantics**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 1-45, fev. 1993. Springer Science and Business Media LLC.

COPPOCK, E.; BEAVER, D. I. Principles of the Exclusive Muddle. **Journal of Semantics**, v. 31, n. 3, p. 371–432, 11 ago. 2013.

HENRY, U. Partículas de exclusão - advérbios, preposições ou conjunções?. **XXXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, p. 403-411, 2007.

KRIFKA, M. Focus and Presupposition in Dynamic Interpretation. **Journal Of Semantics**, [S.L.], v. 10, n. 4, p. 269-300, 1993. Oxford University Press (OUP).

ONEA, E. **Potential questions at the semantics-pragmatics interface**. Leida, Netherlands: Brill, 2016.

ROBERTS, C. Focus, the Flow of Information, and Universal Grammar. In: CULICOVER, Peter; MCNALLY, Louise (ed.). **The Limits of Syntax**. New York: Academic Press, 1998. p. 109-160. (Syntax and Semantics).

RODRIGUES, A.L. “Simplesmente disfarce é”: a mudança de escopo nas leituras possíveis de ‘simplesmente’. In: **I CONGRESSO LÍNGUAS E REPRESENTAÇÕES QUE NOS UNEM**, 2024, São Carlos - SP. *Anais do I Congresso Línguas e Representações que nos unem*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 17–21. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1BssWXh-Nu4Exy9xsHWROdA4Bkp3se0bF/view>. Acesso em: 21 jul. 2025.

SIMPLESMENTE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/simplesmente/>. Acesso em: 03/07/2024.

TESCARI NETO, A. “SÓ”, “EXCLUSIVAMENTE” e suas posições na sentença. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 59, p. 573–602, 2015.

_____. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 44-84, jan. 2017. ISSN 2237-2083. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10940>. Acesso em: 07 mar. 2024.

WARSTADT, Alex. Just Don't Ask: Exclusives and Potential Questions. In: **Proceedings Of Sinn Und Bedeutung**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 373-390, 18 set. 2020. <http://dx.doi.org/10.18148/SUB/2020.V24I2.903>.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.